

A filosofia da religião em Tomás de Aquino!

por Paulo Faitanin – UFF.



religião

1.Tema: Não tratamos, aqui, da religião sob a ótica teológica. É a filosofia que abordará a religião como uma virtude moral, uma virtude anexa à virtude cardeal da justiça. Por isso mesmo denominamos *Filosofia da Religião Tomista*, a doutrina ético-metafísica que o Aquinate traçou sobre o modo como o homem, naturalmente, é impelido a orientar-se e render graças a Deus.

(a) **Onde?:** Tomás de Aquino [1225-1274] escreveu sistematicamente um tratado sobre a religião. Em diversas obras de sua *Opera Omnia*, discute a questão da religião, desde a perspectiva filosófica de uma virtude moral. Destacamos, aqui, as principais obras onde se referiu ao tema: *Summa Theologiae* II-II, q80-100; *Contra Gentiles* III, 119-120; *Comentários aos Livros das Sentenças* III,d9,q1,a3,c;d33,a4,qc1, no opúsculo *Contra impugnantes Dei cultum et religionem* e no comentário do *De Trinitate* de Boécio, q3,a2.

(b) **Método:** Notadamente, a filosofia de Tomás de Aquino é cristã, no sentido de que, embora o filósofo considere as criaturas diferentemente do teólogo, a sabedoria divina parte, algumas vezes, dos princípios da sabedoria humana: *A liás, entre os filósofos, a filosofia primeira usa de todas as ciências para demonstrar as suas teses. Daí também explicar-se porque as suas doutrinas não procedem segundo a mesma ordenação. Com efeito, no ensino da filosofia, que considera as criaturas em si mesmas, e partindo delas vai ao conhecimento de Deus, consideram-se primeiramente as criaturas e, após, Deus. Mas na doutrina da fé, que não considera as criaturas, senão enquanto ordenadas para Deus, primeiramente considera-se Deus e, após, as criaturas. E assim ela é mais perfeita, justamente por ser semelhante ao conhecimento de Deus que, ao se conhecer, vê as outras coisas em si mesmo* [CG.II,4]. Configura-se cristã a filosofia porque serve de instrumento e se põe ao serviço da teologia. Sem sombras de dúvidas, é a Metafísica o instrumento básico no uso da filosofia para as investigações teológicas. Contudo, o Angélico dá, também, importância à dialética, ou seja, à *Filosofia Racional* ou *Lógica*, enquanto arte da argumentação no estudo da doutrina sagrada: *As outras ciências não argumentam em vista de demonstrar seus princípios, mas para demonstrar a partir deles outras verdades de seu campo. Assim também a doutrina sagrada não se vale da argumentação para provar seus próprios princípios, as verdades de fé, mas parte deles para manifestar alguma outra verdade, como o Apóstolo, na Primeira Carta aos Coríntios, se apóia na ressurreição para provar a ressurreição geral* [STh.I,q1,a8,c]. E amplia confirmando que a verdade

revelada não se opõe à verdade que alcança a razão: *a doutrina sagrada utiliza também a razão humana, não para provar a fé, o que lhe tiraria o mérito, mas para iluminar alguns outros pontos que esta doutrina ensina. Como a graça não suprime a natureza, mas a aperfeiçoa, convém que a razão natural sirva à fé* [STh.I,q1,a8,c]. Por isso, Já no século XIII, convicto de que a verdade revelada, o artigo de fé dado por Deus ao homem, não poderia contrariar a natureza da própria razão que a aceita e nela crê, sem deixar de buscar entendê-la, o Aquinate procurou conciliar fé e razão, valendo-se, muitas vezes, dos ensinamentos de Santo Agostinho e Aristóteles, para afirmar *que a graça e a fé não suprimem a natureza racional do homem, senão antes a supõe e a aperfeiçoa* e, a partir disso, também sustentar que é possível a conciliação de filosofia [*ratio*] e teologia [*fides*], na medida em que *philosophia ancilla theologiae est*: a filosofia é serva da teologia. É neste sentido de aproximação entre fé e razão que o Aquinate entende a religião como uma virtude natural ao ser humano [STh.II-II,q80,a2,c].